

“Uma inflação a dois dígitos é uma situação perfeitamente catastrófica”



Foto: JE/Cristina Bernardo

Numa altura em que há mais dúvidas que certezas, António Mendonça, Bastonário da Ordem dos Economistas, não perspetiva grandes melhorias da situação económica a curto prazo. Em entrevista ao REGIÃO DE LEIRIA, analisa o país e a Europa, defende uma resposta europeia conjunta ao atual momento e pede um Portugal com visão e planeamento estratégico.

TOMÁS ALBINO GOMES

Economicamente, têm sido anos difíceis. Primeiro a pandemia e agora uma guerra na Europa. As coisas ainda vão ficar piores antes de ficarem melhores?

A incerteza é muito grande. É uma palavra que todos utilizam e acho que não podemos fugir dela. Qualquer prognóstico que possamos fazer relativamente à evolução da economia portuguesa, ou até internacional, arrisca a estar desatualizado porque podemos ter muitos fatores que podem piorar a situação.

Correndo o risco desta resposta ficar desatualizada, qual é a sua previsão tendo em conta os dados atuais?

Diria que os próximos tempos vão ser piores. Não vejo no curto prazo, eventualmente até para o próximo ano, quando os efeitos se vão sentir com mais profundidade, possibilidade de inversão, mesmo que ‘acabe’ a guerra. Imagine que, num cenário otimista, acontecia a paz nos próximos meses, não vejo condições para, no curto prazo, haver uma recuperação económica, sobretudo, da confiança das pessoas, uma mudança de atitudes que permita fazer uma alteração

significativa das tendências.

Tendências essas que já vêm de 2021...

Já na altura havia alguns sinais de abrandamento da situação económica, mesmo a nível internacional, com a guerra tudo piorou. Mas algumas tendências negativas já vinham atrás, nomeadamente a subida dos preços da energia, as dificuldades de abastecimento, as dificuldades da logística internacional para satisfazer a procura...

Uma espécie de clima de guerra fria numa altura em que estávamos a colher fru-

tos de alguma recuperação do pós-pandemia, é isso?

Tivemos a crise económica e financeira, em 2008/2009, com uma recaída em 2011/12. Depois iniciou-se um processo de recuperação a nível internacional, também com consequências positivas para a economia portuguesa, depois ainda não estava a recuperação completa e dá-se a Covid-19. Precisamente quando se estava a tentar recuperar da pandemia, dá-se a guerra. Vamos lá ver o que vem a seguir.

Este fantasma bem real da inflação que paira sobre as

PERFIL

Professor Catedrático do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, António Mendonça foi ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações entre 2009 e 2011. Foi eleito em 2021 Bastonário da Ordem dos Economistas.

nossas vidas, já o vimos em crises do passado?

Há um debate que está a ser feito sobre o significado da subida dos preços. Em primeiro lugar, temos de precisar se esta subida é a mesma que existia nos anos 70 e 80 que levou à própria definição das características das políticas monetárias. No meu entender, as dinâmicas de subidas de preços não são as mesmas do passado, têm a ver com aspetos e constrangimentos do lado da oferta, têm a ver até com certas dinâmicas de cartelização, particularmente no domínio dos transportes marítimos internacionais,

cadeias de logísticas que estão muito concentradas, por outro lado, tem havido movimentos oportunistas, a vários níveis, designadamente dos produtores de energia, etc.. Há aqui uma série de fatores que não têm a ver propriamente com os fenómenos monetários e com os fenómenos de excesso de procura que ocorreram precisamente nos anos de 70/80.

Isso significa que esta é uma inflação temporária?

Não sei se esta é uma inflação temporária por uma razão muito simples: não sei se estes fatores vão continuar a atuar. Podem ser fatores temporários, mas perdurar no tempo. A questão do temporário é saber qual é o horizonte de que estamos a falar porque pode haver aqui uma catadupa de acontecimentos que determinem que estes possam permanecer ou até outros se poderem juntar para continuarem a contribuir para essa dinâmica.

Ou seja, a abordagem a este problema terá de ser diferente, é isso?

Provavelmente o conjunto de instrumentos que têm de ser utilizados para fazer frente a esta escalada de preços são diferentes daqueles que foram utilizados no passado. Imaginemos que vamos ter agora uma subida generalizada das taxas de juro. Pode ser catastrófico também. E aí aparece o problema da gestão das dívidas. É in comportável.

Mas há um país como a Alemanha que até pode benefi-

Se chegarmos a uma inflação a dois dígitos é uma situação catastrófica. Significa que os portugueses perdem um mês, dois meses de salário em termos da sua capacidade financeira. Pode ter consequências extremamente negativas, não apenas na vida das pessoas, mas sobretudo em termos económicos.

ciar alguma coisa, na medida em que a dívida pública alemã pode ser utilizada como ativo de reserva, de refúgio, não é?

Seguramente eles vão beneficiar de taxas de juro mais baixas. Ou seja, uns podem beneficiar da desgraça dos outros, por isso tem de haver uma resposta em conjunto e eu creio que há consciência disso a nível europeu, de que as economias europeias estão integradas, que as assimetrias que se desenvolveram resultam da própria dinâmica do sistema euro e portanto que a resposta tem de ser da zona euro, de conjunto, e não de isolar e começar a falar da Europa do sul, dos PIGS e dessas coisas todas que são extremamente negativas. É agora que a solidariedade tem de vir ao de cima.

Mencionou o problema da gestão das dívidas. O contexto é muito diferente do de 2011...

É muito significativa a correção da imagem da posição do Banco Central Europeu (BCE) que de uma semana para a outra chamou a atenção porque está preocupado com a fragmentação, aquilo que ocorreu em 2011, para proteger os países que têm dívidas bastante elevadas, que se veem as taxas de juro chegar aos 5%/6% passam a ter muita dificuldade na gestão. Se a recessão se acentuar, será difícil trabalhar com excedentes orçamentais, provavelmente vamos caminhar novamente para os défices. Vamos ter o aumento da dívida, provavelmente pelo aumento dos défices, que têm consequências imediatas em termos da evolução da dívida e também eventualmente dificuldade em gerar défices primários. Portanto, temos aqui vários fatores que contribuem para o aumento da dívida, que acentua ainda mais num contexto de subida das taxas de juro. São motivos de apreensão que espero que esta preocupação do BCE possa ter tradução imediata na criação do tal mecanismo, que ainda não se sabe exatamente como vai ser, mas o seu anúncio já é considerado um aspeto positivo. Mas também terá de haver uma maior coordenação das políticas orçamentais a nível europeu. Instrumentos como os PRR e outros mecanismos podem atuar no sentido de criar aqui uma atitude de coor- >>>>

>>>

denação e de integração de políticas que possa favorecer uma resposta às consequências mais negativas.

Há pouco, a propósito da Alemanha, usou uma expressão: a desgraça de uns pode ser a sorte de outros. Para Portugal neste contexto da guerra e da dependência energética de boa parte da Europa, volta a haver aqui uma oportunidade para, com o porto de Sines, fazer do país uma verdadeira porta de entrada para o continente?

Sempre que há um problema, que há uma crise, vem à baila Sines. As pessoas não sabem o que fazer e dizem 'ah Sines tem um grande potencial'. Há dezenas de anos que Sines tem potencial... Julgo que sim, mas também é importante ter noção da relatividade das coisas. De facto Sines pode ser um porto importante, em termos do abastecimento energético, mas há limitações porque nós não temos gasodutos que permitam chegar à Europa... também não estou a ver França ou outros países da Europa central importarem gás natural a partir de Sines. Provavelmente, Sines funcionaria mais no sentido de *transshipment*, ou seja, utilizado para a passagem da carga de grandes navios para navios menores... Há potencialidade, mas isso demora tempo. É uma coisa para anos, não é uma resposta imediata. É algo que tem de ser pensado do ponto de vista estratégico.

E existe essa estratégia?

Nós todos gostamos de falar

Nós temos tido nos últimos anos uma economia que reage muito a estímulos externos, particularmente o turismo, o que tem também efeitos negativos que é a tendência para a população inteira viver na dependência disso.

de estratégia, mas temos um defeito que é não ter efetivamente estratégia traduzida na prática. Não existe. Porque a estratégia de um país pressupõe que há um conjunto de projetos que estão hierarquizados em termos da sua importância e sequência para a sua concretização, mas que há um consenso nacional forte em torno disso. E que os governos independentemente da cor política estão sintonizados em levar aquilo para a frente.

Um caminho comum...

Que em Portugal não existe. Em Portugal eu costumo dizer até que não basta mudar de Governo para mudar de políticas e de prioridades, às vezes dentro da mesma cor política muda o ministro e mudam também as prioridades. Há uma incoerência total e eu costumo dizer que o caso paradigmático é o do novo aeroporto. Há quase 50 anos que andamos a discutir a mesma coisa e está tudo mais do que discutido. Portanto, os custos da não decisão em Portugal são brutais. Se fossemos

contabilizar tudo aquilo que a nossa economia perdeu pelo facto das decisões não terem sido tomadas nos tempos certos, se calhar entrávamos em paranóia. Por outro lado, os custos da má decisão também são muito grandes porque se prolongam por gerações. Temos que ter aqui uma articulação. A indecisão não deve ser a justificação para a decisão errada. Mas já que demorámos tanto a tomar a decisão, não devemos ser forçados a tomar a decisão errada pelas conjunturas atuais. Temos de ter noção que uma decisão de um aeroporto é uma coisa para durar 100 anos. É um projeto a muito longo prazo que tem capacidade de se auto financiar, se entrarmos nessa perspetiva. Fazer as coisas que permitam sustentar uma dinâmica de crescimento em Portugal.

Voltando à inflação, no final de junho, uma sondagem da Aximage para a TSF, DN e JN mostrou como a preocupação dos portugueses com o custo de vida está a aumentar: 2/3 dos portugueses fizeram cortes na alimentação, 2/3 mudaram de hábitos de transportes por causa dos combustíveis. Como é que olha para isto?

Se olharmos para aquilo que foi a dinâmica inflacionária nos últimos anos e se olharmos para aquilo que foi a evolução dos salários, enfim, podemos dizer que o salário médio aumentou. Mas a verdade é que muitos sectores importantes, que têm influência no próprio consu-

mo, não viram a sua situação económica acompanhar esse crescimento. Portanto, se se projetam taxas de inflação que já vão na casa dos 7%,8%, nós corremos o risco de atingir níveis de inflação de dois dígitos - aliás há um ou outro país europeu que já tem inflação a dois dígitos, o que já é também uma coisa inédita. Se chegarmos a uma inflação a dois dígitos é uma situação perfeitamente catastrófica. Significa que os portugueses perdem um mês, dois meses de salário em termos da sua capacidade financeira. Pode ter consequências extremamente negativas, não apenas na vida das pessoas, mas sobretudo em termos económicos.

Cria-se um efeito bola de neve?

Temos de ter noção que o consumo é 60% do PIB e tudo aquilo que seja contração do consumo tem consequência imediatas. Se o meu poder de compra baixa, eu consumo menos, se eu consumo menos, os outros não vendem, se não vendem não podem empregar, se não podem empregar pagam menos salários, esses menores salários também significam menor consumo... Há todo aqui um efeito circular que é negativo para a economia. É natural que os portugueses estejam apreensivos com a inflação e é natural também que os governos, e o governo português em particular, se preocupe com um conjunto de medidas para fazer face a essa situação, sob pena de cairmos numa situação de grandes dificuldades sociais.

Acha que estamos a conseguir responder ou parece-lhe que medidas como a do cabaz alimentar, que são 60 euros por trimestre, ou seja, 20 euros por mês, são insuficientes, sobretudo se olharmos aqui para o lado, em Espanha, onde este apoio é de 200 euros por mês?

Pessoalmente, tenho algumas reservas. Há uma preocupação sempre com os sectores mais desfavorecidos, que eu acho importante, mas há muitos sectores, que são as chamadas classes médias, que é um conceito muito amplo, que merecem preocupação. Essas

Para além de uma nova visão do papel do turismo é também importante pensar numa maior diversificação produtiva, à semelhança do que está a ocorrer com a Europa que de repente tomou consciência de ter uma capacidade de auto sustentação da sua própria economia, fala-se até na industrialização.

camadas médias são aquelas que consomem, são aquelas que poupam, são aquelas que inovam, são aquelas que trabalham e têm sido extremamente flageladas nas duas últimas décadas. São aquelas pessoas que têm uma vida normal, que não conseguem fugir aos impostos, porque os impostos, todos os meses são imediatamente descontados no seu vencimento, que têm visto a sua situação económica deteriorar. Esses sectores não têm perspectivas de evolução positiva a curto prazo... e isso tem consequências negativas na dinâmica económica porque as pessoas perdem a

confiança. Retraem-se. Agora, nos últimos tempos, até parece que abriram os cordões à bolsa na medida em que utilizaram as poupanças do confinamento para fazer um pouco mais de consumo, mas isso é perfeitamente natural.

É curioso porque a pandemia permitiu acumular alguma poupança e este momento é potencialmente destrutivo dessa acumulação, concorda?

Sim mas a pandemia também mergulhou o país numa das suas crises mais profundas com uma quebra da sua atividade económica quase total. >>>

PUBLICIDADE

A AOC Engenharia & Construção apresenta soluções integradas de Design & Build, utilizando a metodologia BIM, otimizando o seu projeto e garantindo máxima eficiência e produtividade, eliminando incompatibilidades.

Contamos com uma equipa totalmente qualificada que trabalha cada projeto de forma única e personalizada.

www.grupoaooc.com

AOC
ENGENHARIA & CONSTRUÇÃO





»»»

Temos que ver as coisas dos dois lados.

Mas era uma das coisas positivas que se podiam retirar daquele período...

A utilização da poupança também contribuiu para a recuperação, as coisas estão ligadas. O que faz mover a economia é a despesa, não é a poupança. Temos de ter presente isso. No âmbito da teoria económica, existem muitas discussões relativamente à relação entre a poupança, a própria despesa e a própria dinâmica económica. Mas se as pessoas não gastam, não fazem consumo, não fazem investimento, não há dinamismo económico. Ou seja, há aqui equilíbrios macroeconómicos que temos de ter presentes para permitir que a economia esteja numa trajetória de crescimento. Agora, vamos ver como é que isso vai acontecer.

Falávamos do apoio à população, mas o Estado também terá de dar a mão ao sector privado, nomeadamente no que diz respeito a um tema que foi colocado em cima da mesa pelo próprio primeiro-ministro e que diz respeito aos aumentos salariais. O que acha?

Penso que tem de haver alguma política ao nível da política de rendimentos, não só para as classes mais desfavorecidas, e eu acho que tem de haver uma preocupação particular com essas, mas acho que tem a ver com toda a população. Tem de haver um pensamento sério e profundo sobre as medidas

utilizadas. Mais uma vez penso que pode haver aqui uma coordenação a nível europeu para assegurar progressões salariais, a redução de alguns impostos, mas acho que estas coisas têm de ser vistas no seu conjunto. Há muita tendência para dizer "é baixar este e este imposto"... eu acho que muitas vezes as pessoas falam e não têm conhecimento do efeito complexo que isso pode provocar. Isto tem de ser visto no conjunto, tem de haver aqui a capacidade de desenhar o modelo macroeconómico para resposta aos problemas que nós estamos a atravessar e eu penso que esse modelo macroeconómico ganha muito em ser feito a nível europeu. Em ser uma resposta conjunta.

Mas é importante que o Governo, juntos dos parceiros sociais e do sector privado, estabeleça a criação de medidas que promovam esse crescimento de salários?

Neste momento a discussão com os parceiros é fundamental. No âmbito da própria Ordem dos Economistas defendemos um pacto social para o crescimento que englobe precisamente as organizações sindicais, as organizações patronais, outras instituições e o próprio Governo no sentido de estabelecer e de contribuir para uma estratégia de médio/ longo prazo para a economia portuguesa que importa bem uma nova arquitetura, um novo modelo económico para o funcionamento da economia que provavelmente tem de incorporar outros vetores que

estavam um bocado ausentes. Nós temos tido nos últimos anos uma economia que reage muito a estímulos externos, particularmente o turismo, o que tem também efeitos negativos que é a tendência para a população inteira viver na dependência disso. E de facto o modelo assente no turismo, com o peso que ele tem também é um modelo que requer mão de obra menos qualificada, salários baixos, recurso a mão de obra imigrada tem também consequências negativas sobre a economia. Para além de uma nova visão

do papel do turismo é também importante pensar numa maior diversificação produtiva, à semelhança do que está a ocorrer com a Europa que de repente tomou consciência de ter uma capacidade de auto sustentação da sua própria economia, fala-se até na industrialização. Acho que o país também tem de trabalhar nessa perspetiva, no desenvolvimento de bases internas de sustentação.

Para arrumar tudo numa última pergunta, defende que o caminho de Portugal,

economicamente, tem de basear-se num maior planeamento e na definição de uma melhor estratégia para colher mais frutos no futuro?

Julgo que sim. É uma certa tendência que temos, para tudo e mais alguma coisa criarmos comissões disto, aquilo e de aqueloutro. Era importante termos uma estrutura e planeamento central onde as coisas fossem todas discutidas. E planeamento e estratégia não é sinónimo de uma economia centralizada porque o planeamento e estratégia exigem um sector privado dinâmico, inter-

veniente, com as suas próprias responsabilidades. O planeamento e a estratégia também servem o sector privado, para eles próprios planearem e definirem as suas estratégias, na medida em que se souberem quais são as orientações do país, mais fácil é para eles fazer os investimentos. Introduce confiança ao próprio sector privado. Não é um que substitui o outro, há uma complementaridade. Esse é o desafio que uma economia moderna. ●

PUBLICIDADE

LIZDRIVE
www.lizdrive.pt

LEIRIA
Rua da Indústria, Pinhal Novo, Pousos
2410-480 Leiria
Tel.: 244 839 040

POMBAL
Rua da Sobreira Moncalva
3105-291 Pombal

CALDAS DA RAINHA
Rua Mártires de Timor n.º 25
2500-839 Caldas da Rainha

GAMA FORD MUSTANG MACH-E (SEM OPÇÕES): CONSUMO WLTP COMBINADO DE 16,5 A 19,5 KW/100 KM. EMISSÕES DE CO₂ WLTP 0 G/KM, MEDIDAS DE ACORDO COM OS REGULAMENTOS ATUAIS. *VEJAM-ME